

ANA SUY

Apontamos
ao **amor**
e acertamos
na **solidão**

 Planeta

Para Gabriel e Milena Yumi,
as minhas grandes novidades no amor.

Prefácio

A psicanálise oferece a Ana Suy a compreensão do lugar e da função do amor na constituição da estrutura psíquica, e a clínica psicanalítica dá-lhe acesso à sua verdade enquanto pessoa. Assim, o seu desejo de ser terapeuta encoraja-a a difundir a psicanálise. Fechado este ciclo de formação, o amor deixa de ser, para ela, apenas (pois, não tem fim) um tema de investigação e estudo e passa a ser o seu modo de vida. «Eu leio tudo a partir do amor.» Este lugar central que Ana Suy reserva ao amor, atribui-o ao facto de a mãe a ter «ensinado a amar». «Ensinar uma filha a “amar”, isto é, dar-lhe a sua falta, é também transmitir-lhe a forma erotomaníaca feminina de amar da mulher: “... o amor exige o amor. Ele não deixa de exigí-lo. Ele exige... mais... ainda.”» (Lacan, Seminário XX: mais, ainda). Ao revelar que «escreve porque precisa de escrever», Ana Suy indica que a *palavra* pode servir de *mediação*, na sua exigência de amor, entre ela e o Outro. Detém-se num primeiro momento em reflexões

sobre como lidar com a «sua» exigência de amor e, para tal, recorre à poesia em dois dos seus livros. Porque sobre o amor, como bem mostrou Roland Barthes, fala-se e é-se só. Os poetas sempre souberam isso.

Fazer do amor o seu modo de viver mantém-na conectada com a experiência quotidiana, sobretudo a de mulheres cujas exigências de amor ela procura esclarecer e aprofundar. Este livro sobre *Amor e Solidão* é dedicado às mulheres, pois, ao esperarem muito do amor, temem a solidão como sendo a perda do amor. Acham que ele é infinito, inabalável, imortal – ou então não é amor. Para Ana Suy, a solidão não é para ser combatida, nem negada, mas sim explorada. Esclarece que não se trata sempre do abandono do outro e muito menos do abandono de si mesmo, e sim de estarmos connosco mesmos. Há sempre partes de nós que não podemos partilhar. Saber que é um sentimento comum a todos os seres permite que nos sintamos menos sós.

«O amor e a solidão andam sempre juntos – não são opostos, mas sim reflexos de uma mesma luz que é viver», diz André Comte-Sponville. Esta reflexão, por ser a de um filósofo, evoca a de Lacan: «O amor... podemos perguntar-nos se se trata de um conceito propriamente psicanalítico e já não um tema ligado à filosofia – os filósofos só falam disso.»

Se o filósofo é alguém que pratica a filosofia, que se vale da sua razão para refletir sobre a vida, para se libertar das suas ilusões e, se puder, para ser feliz, o livro de Ana Suy não teria além de um desvio psicanalítico, um desvio filosófico? Afinal, como já dizia Montaigne: «A filosofia é uma poesia sofisticada.»

Malvine Zalcberg, psicanalista,
doutorada em psicanálise.

Índice

Com licença!	17
Apresentação	21
1 O amor contém solidão	25
2 No início era o amor?	27
3 Quem ainda se interessa pelo amor?	30
4 De onde vem a ideia de que existe a metade da laranja?	34
5 O nosso primeiro amor: o Eu	38
6 Como habitar um corpo sozinho	44
7 Solidão × sentimento de solidão	48
8 Amar não livra ninguém da solidão	53
9 O amor como elaboração de luto pelo que se pensava que era amor.	58
10 Porquê tanta pressa?	68
11 A caixa de Pandora da linguagem	73
12 O amor precisa de tempo.	81
13 Elogio à infelicidade	85
14 Amamos aquilo que nos interroga.	89
15 O amor acaba	96

16	O amor acaba? A sério?	102
17	O medo do abandono.	107
18	Como fazer dois passarem a três? E cinco passarem a seis?	114
19	É de números que se trata no amor.	120
19.1	Paixão – um – loucura	122
19.2	Amor – três – loucura sã	125
19.3	Solidão – dois – realidade	130
20	O amor é um misto de paixão e de solidão	139
21	O perigo do ciúme.	144
21.1	O ciúme normal.	147
21.2	O ciúme projetado.	149
21.3	O ciúme delirante	151
22	O amor amizade.	155
23	Um comentário sobre o amor de transferência	159
24	Ficamos por aqui!	168
	Agradecimentos.	171
	Músicas citadas nesta obra.	173

*O amor por si mesmo só conhece um obstáculo:
o amor pelos outros, o amor pelos objetos.*

SIGMUND FREUD

Com licença!

*Quero começar, mas não sei por onde
Onde será que o começo se esconde?
Tiquequê*

Olá, leitor que está prestes a ler este meu livro (que agora já não é meu, mas sim seu). Antes de começarmos, queria dizer-lhe algumas coisas.

Queria contar-lhe que escrevo com algum receio, que escrevo como quem pensa que pisa em ovos, mesmo que não pise em ovos. Queria contar-lhe que ser contactada por uma grande editora para escrever um livro era o meu sonho de infância. Na verdade, nunca pensei em ser escritora quando era criança, mas uso aqui o termo criança porque é o lugar em mim (talvez em si também) onde ressoam as coisas que são mais importantes. Das outras vezes em que publiquei livros, não os escrevi para publicar, nem sequer os escrevi para os mostrar a alguém, escrevi por escrever – e depois escolhi o que iria publicar. Mas escrever para publicação cria um certo receio de escrever.

Então, queria que soubesse que as letras que compõem este livro têm um destinatário: você. Escrevi enquanto falava consigo. Estou a escrever isto porque me sinto inibida de escrever, preocupada com o que vai pensar. Então, como escritora que sou, transformo o meu mal-estar em escrita. Porque uma parte de mim (amor) quer ser amada por quem me lê, inclusive por mim mesma. E a outra parte quer apenas escrever (solidão).

Querida leitora, querido leitor, era isto o que eu queria dizer para começar. Eu escrevo porque preciso de escrever, porque é o meu modo de viver. Escrever não é proferir verdades. Escrever é começar a partir de algo que se supõe saber e descobrir coisas novas pelo caminho. Os livros têm vida própria. Começo o parto deste livro aqui.

Talvez este texto de início seja uma espécie de licença que peço para escrever algumas das coisas que extraí da minha experiência e, através desta sugestão que marca um início, descobrir algo consigo. Fico a pensar... *Quão neurótica precisa de ser uma escritora para pedir licença para escrever?*

Afinal, acho que só queria dizer que este livro não é um manual. Aproveite as coisas que se adaptem a si e elimine as restantes. Não existe uma receita rápida para sermos nós mesmos. Só nós somos o que somos.

Apontamos ao amor e acertamos na solidão

Somos sozinhos nesse sentido. Por consequência, não existe um caminho percorrido pelo outro que nos dê acesso ao amor. O amor é um misto entre solidão e sorte, atravessado por um encanto com um outro que insiste.

Acho que agora podemos começar.